

TERRAS DO DEMO

AQUILINO RIBEIRO

TERRAS DO DEMO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2012

A Carlos Malheiro Dias

Meu querido amigo e príncipe das letras: dê-me licença que lhe ofereça este livro, pobre de mim, rival em tudo daquele Marco Paulo, de Valentim Fernandes da Morávia, tosco nas imagens, incrível no que conta, composto até na mesma linguagem do tempo dos afonsinos. A ação decorre naqueles lugares onde a lenda se exprime ainda deste jeito: «Uma vez um homem travou do bordão e partiu a correr as sete partidas do Mundo. Andou, andou, até que foi dar a uma terra de que ninguém faz ideia: a gente comia calhaus e ladrava como os cães.» Circunscrito, adivinha-se, a indivíduos rudes, teve em mira este trabalho pintar dessas aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Caramulo, a cernelha do Douro e, a norte, lhes parece gamela emborcada o monte Marão. O vale, que as explora, trata-as despiciamente por Terras do Demo. Sem dúvida, nunca Cristo ali rompeu as sandálias, passou el-rei a caçar, ou os apóstolos da Igualdade em propaganda. Bárbaras e agrestes, mercê apenas do seu individualismo se têm mantido, sem perdas nem lucros, à margem da civilização.

O seu nome ilustre, meu querido amigo, merece-me mais que esta lápide de granito mal lavrada; chamá-lo aqui é como induzir Sarasate a presidir a uma tocata de bombo e ferrinhos. Mas para mim bateu a hora de lhe prestar homenagem. Foi a sua mão, tão forte como delicada, que me guiou ao prosénio das letras; aí me incutiu a força de ânimo necessária para persistir. Ao romper, também o meu silêncio para admirar, o romancista da Paixão de Maria do Céu, o jornalista que lá e cá mantém à sua altura a honra das letras portuguesas, está na primeira fila dos que admiro. À consagração que o Brasil acaba de lhe prestar eu junto, pois,

este ramo de maias, colhidas na Serra, à mão larga, que lhe leva de seu pelo menos cor e aroma tão bravios e elementares que não mereceram ainda a honra de ser copiados por tintureiro ou perfumista.

A obra de análise que a crítica amável houve por bem de assinalar na Via Sinuosa raro se lhe há-de deparar aqui. Tão-pouco malbaratei louçanias, vidrilhos ou esmaltes de estilo, devendo sem dúvida soar falso a propósito de criaturas em que assenta até mal a gravata que os tendeiros teimam ali intrometer. Mioma é de todas as minhas personagens a única que se interroga. É uma espécie de intruso. O meio expelle-o.

Estilizei, como não, pela necessidade de fugir à melopeia e à pouca extensão do dizer popular: mas o meu léxico é o deles; as minhas vozes ouvi-lhas. Sou mais cronista que carpinteiro de romance. Queria até que este livro se embrulhasse num pedaço da serguilba em que eles se embrulham.

Se, ao folhear, estas páginas rescenderem ao tojo e ao burel azeitado quando torna dos pisões, terei satisfeito o meu propósito: descer a arte sobre a bronca, fragrante e sincera Serra, e, em certa medida, activar o desquite entre a nossa Língua e essa literatura desnacionalizada, francizante, de que se atulha a praça. Um renascimento literário tem de volver às origens, aos clássicos e ao povo, e o primeiro passo — é uma questão apenas de vontade — dou-o eu aqui. Independentemente deste escopo, os seus livros, Malheiro Dias, ensinam-nos, ao mesmo tempo que nos desesperam, em sua magistral lição.

Dizem que a literatura regionalista é uma especulação toda de generosidade, sem galardão do público. De acordo; não se lê com esperto e empolgante apetite; carece de nervo, de transporte intelectual, da finura estética que o gosto moderno espera dum drama da cidade. Todavia, Fritz Reuter, alemão, Björnson, norueguês, o próprio Tolstoi aí firmaram seus nomes. Em Espanha e França está mesmo de moda. Que é uma arte de contracção, suspendendo o espírito em seu voar ou entranhar-se na análise, é certo. Por aí ela peca.

A aldeia serrana, como aquela em que fui nado e baptizado e me criei são e escoreito, é assim mesmo: barulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituíam o empedrado da comuna antiga. Ainda ali há Abraão e os santos vêm à fala com os zagaís nos silenciosos montes; ali roda o velbo carro visigótico nos caminhos romanos, mais velbos do que eles. É pagã, e crê em sua religiosidade toda exterior adorar o Deus de S. Tomás.

Conta pelo calendário gregoriano estes terríveis dias de peste, fome e guerra, e está imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba.

Em tais condições de primitividade, a pena descreve, mas tornar-se-ia ridícula analisando. Para dar a verdade local tem de abstrair da linguagem erudita que forjaram árcades, pregadores e gongóricos vates de má morte; todas as aquisições da ciência no tocante às enfermidades da alma e do corpo e são de socorro tão prestimoso ao escritor, ficam fora se a técnica é severa. Em suma, é integrar-se no espírito daquele soldado que deixou o Roteiro Marítimo para a Índia e — aí reside a dificuldade — escrever com pena de aço e não pena de pato. Do pincel enciclopédico que poderá usar o autor de hoje resta uma broxa de trolha. Parece-me que esta literatura, porém, é uma necessidade, corresponde a picar na nascente, renovar o veio da Língua viciado por outras línguas, corrompido pela gíria da urbe, rebater no estilo dos Quinhentistas, ainda com as rebarbas dum torno, por demais mecânico e latinizador. A madre é na aldeia; ali está puro o idioma. Por aqui se salva, se não por outros predicados, a arte regionalista.

A vida é, de resto, sempre curiosa. Quando se ergue uma lancha em terra húmida de lameira, acontece fervilhar aos nossos olhos toda uma fauna prodigiosamente multicolor, alvoroçada com o desmancho de sua casa de par com a luz do dia. Vive ali em cantões, paredes meias, esta bicharada que a conspícua zoologia distribui em nébrias, que são dotadas de antenas em serrilhas e revestem armadura córnea, e em estafilínídeos que passam por arteiros na emboscada e gulosos de carne putrefacta. Mas também ali se encontram por vezes: o bicho-de-conta tímido; a centopeia monástica; uma cabrinha preta; no Verão, o grilo cantarola. Pintados pelo entomologista em seu habitat, seus transe, seus costumes, interessam tanto como as belas e grandes alimárias de Nosso Senhor, tanto como o leão que era rei, antes que os modernos Esopos entregassem o ceptro ao pavão. As Terras do Demo são isso, o estudo do mundo pitoresco e primário da pedra de lameira. Não o examinei à lente; não o avantejei, nem alinhei. O Balzac de Les Paysans e o Júlio Dinis de tudo o que fez e do que deixou de fazer pertencem a escolas que me não tentam.

Julguei que havia mérito, tanto, pelo menos, como em ocupar estas páginas com um janota do Cbiado, em trazer a público uma grei não mareada dos vícios brilhantes e virtudes postiças do século. Entremeada a composição da Via Sinuosa com a deste trabalho, o meu espírito ia redoçar-se da fadiga daquela no picar rijo, sobre material que de longe me andava na memória, dos capítulos que aí vão.

Talvez tenha cometido o pecado de julgar que a ilusão que bem ilude não merece mais crédito que a verdade que mal se veste. Embora.

Digne-se o meu amigo aceitar esta modestíssima oferenda como preito ao talento e tributo à amizade e estarei forro de minhas penas.

Lisboa, Outono de 1918

A. R.

PRIMEIRA PARTE

A VELHA E O LOBO

I

— Arre-diabo, Rosa, arre-diabo! — dizia o Brás. — Saiu-te cara a passagem do homem...!

— Cara!? Só falta tirarem-me as meninas-dos-olhos! — carpia ela. — Foi um doido, Deus o tenha à sua mão direita... Já lá vai a lameira, ainda me é preciso vender...

E vendia o cerrado, onde, ao abrigo do vento galego, papa-feijões, nunca perigaram os agros, e uma nogueirinha temporã dava gradas e reboludas nozes, muito apetecidas das moças que à sua porta vinham cantar as janeiras na alva do Ano Novo.

Quem a vira solteira, benzia-se. Na terra não nascera outra mais amiga de luxar e bater a tamanquinha em bailes e romarias. Pudera, a casa do pai, José Francisco Gaudêncio, era das mais valentes por aquela corda de povos. Salgava quatro a cinco leitões de ceva, trazia três juntas ao jugo, e o seu rebanho, com cortinha própria no meio da Serra, zagais de trabuco e rafeiros de rijas puas no pescoço, aventurando-se aos longes pastos, era o mais medrado e lãzudo. Linhares e chãos não tinham conta, e a lenha das tapadas acamava de velha, nas abas do povo algumas e todas à mão de encerrar, tão grandes que não amanhecia domingo ou dia de guarda que os caçadores por lá não bombeassem, com balsas escusas para o coelho e a galinhola e até mardigueiras de raposo e de texugo. De lá partiam, nas noites velhas de Inverno, os assaltos às capoeiras, a pontos que em casa do Sr. padre António — já lá está — uma vez que se esqueceram de cispar o buraco, não houve bico que escapasse ao dente mofino.

Boas matas, rica folha, não contente do que possuía no termo, o Gaudêncio atrevera-se a ir lavar vinho para o Távora em terra que mandou abacelar. Era usança entre os serranos de posses, mas baldada pena, que a filoxera chupou-lhe, a pouco tempo do plantio, as cepas todas.

Ordenou um filho, e as casas que ergueu eram uns conventos; todas de sobrado e boa cantaria, tirante a de Rosa, em tosca pedra de ar-ranço, com o patim a pique que parecia trepar para o céu. Nelas morava a descendência directa, a Rosa já nomeada, Manuel Cardiga, viúvo de Luísa, a Clarinha, que casara com um neto bastardo e a quem à sua morte o Gaudêncio legara o terço, mal instruído que a lei deixava margem a diferente doação. E, com vidraças para a rua, havia ainda a residência que entrou no património do padre Francisco, caiada, com faixa azul a toda a sombra do beiral, e pombinhas de argamassa, rechonchudas, nos pontos de quebra do guieiro. A modos dum casal de velhos fidalgos, com quintã ao meio de serventia a todos os patins, resguardada por muro de cerca quando não era parede de habitação, e duas porteiras a cada ponta, por onde entravam de rópia as mais soberbas carradas. Ao abrigo da devassa em vida do Gaudêncio velho — ainda se viam chumbados nas ombreiras os gonzos das dobradiças — faziam dela, ao tempo, corte de recos e de bezerros à volta do mercado, mormente depois que a Clarinha, acolhendo na loja todo o viajero, fosse ele lázaro dos caminhos, almocreve ou ladrão, ali deixava feirar os tendeiros volantes.

Era boa criatura, mas pascácia e pernóstica a mais não poder, esta Clarinha. Por suas benfeitorias sem olhar a que rês, mais de um abusou dela: o Fradão da vila, mulo do inferno, que foi à fina força meter-se com ela na cama, e os ciganos que em hora de muito taró acenderam o lume na loja e iam queimando a casa toda. Valeu-lhe acudir Seitosa em peso, ao toque dos sinos, que os tratantes pegaram de pôr a salvo jericos e atafaias e despediram, deixando, por susto ou maldade, o incêndio a lavar. Ficou-lhe para emenda, que mais ciganos não aboletou, sob pena de empedernir o coração devocioneiro à sua grande lamúria:

— Somos do Egipto, patroinha, terra do Menino Jesus!

— Do Egipto ou da Falperra, tanto monta. Está a loja tomada com lenhas.

— Trazemos uns *niños* doentinhos... Tenha caridade.

— Não se ralem... Inda há ar de dia, vão bater a outra porta.

Eles, então, erguiam a voz a amaldiçoar:

— Deus permita que hoje mesmo se te veja a casa esborralhada! Deus permita, e que fiques por baixo como uma sapa para saberes o que é andar pelo mundo!

E, assim tenazada, mais de uma vez teve de gritar à-d’el-rei contra tais negros. Mas a caminhante enfadado, gente das tendas, pobres de Cristo, não vedava ela a quentura do palheiro. Só lhes dizia ao entrar: «Pelas alminhas do Purgatório, não acendam paulitos na loja.» E acolhia-se ao janelo, a espiar-lhes os manejos e a estudar o cariz da Serra da Estrela, que, lá em face, vestida de mantel branco, lilás como a túnica do Senhor dos Passos, triste do tom das cinzas, alegre a parecer uma tribuna de igreja em dia de festa, consoante, dava mais certo o tempo que o *Borda d’Água*. Seus olhos liam melhor na cordilheira longínqua a chuva e a neve do que um padre a palavra de Deus nos latins do missal. E ao conceber-se jornada, corte de madeiras, sementeira ou tira das batatas, Clarinha era o astrólogo em que todos punham fé.

Podia ser santanária, mandar dizer missas e mascar padre-nossos, que as pragas dos Gaudêncios, esbulhados do terço, choveram sobre ela como granizo. Não fora culpa sua, é certo, que a filha de Gaudêncio, a Rosalina, se deixasse engodar de um faiante e concebesse o menino que os altos juízos de Deus lhe destinaram para esposo, e a lei, mal pulsada, parecesse não estipular outra sorte de providência. Há que tempos isso fora, já tinham aberto a campa do seu homem para dar sepultura a um morto, ainda lhe refertavam a sorte de cão. Tentaram ainda os herdeiros anular o testamento, mas o padre Francisco, que tanta dinheirama consumiu a ordenar-se, porque fora um estoira-vergas, perdido do jogo e do mulherio, e andou com a arte debaixo do braço por França e Aragança, Lamego, Pinhel, Guarda, até abrir coroa, em alto e bom som fez respeitar a vontade do defunto pai. A este, que deixara fama de santo homem, não abocanhavam os filhos por vergonha; a melgueira ao neto abonava mesmo a escrupulidão cautelosa de seu proceder. A terra lhe seja leve, o machucho quedou a rir, a família a chorar, sem grandes razões, que a legítima não era peca.

De mais — alegava o padre — a fortuna granjeara-a com o rico suor do seu rosto, podia pôr e dispor como melhor apetecesse.

Ali, na bruta Serra, sem andar de taleiga às costas Brasil vai, Brasil vem, se fez ricoço. Começou por pouco, em moço a guardar porcos ao fintão na aldeia farta de S. Martinho, só no tarde se lançando ao negócio, taverna e estalagem para almocreves que infestavam os caminhos, então que o demónio dos engenheiros não tinham ainda gizado as estradas reais para vau de carros e carris. Era o bom tempo, o tempo das libras e das peças, que chocalhavam na bolsa de qualquer bigorilha como ao presente os vinténs e *nicos* na algibeira dos lordas. Também os almocreves não eram destes arrebetados, entregues ao jogo de naveta de terra para terra, com dois odres de azeite ou cântaro de aguardente, que mal ganham para os atafais, mas daqueles que botavam de Torre de D. Chama até Vale do Mondego com cargas de grande valia, e traziam pistolas nos coldres por mor dos quadrilheiros. Em récuas, para mais segurança, o seu passo, em fieira, enegrecia o caminho que se vê correr branco e sem fim para a Senhora da Lapa. *Chó macho! Toma ali, Rabudo! Filho de sete curtas!* — gritos e pragas ferviam no ar. Um deles, mais alvarinho, jaqueta de alamares, colete de pele de raposa com a corrente de dois fios e o pinto à dependura, os dois braços suspensos em arco do azorrague traçado de ombro para ombro, desfaldava uma xácara sanguinosa. E era como um guião vermelho a esvoaçar por cima do chape-chape da marcha:

*Anda cá, ó soldadinho,
Vens em bô ocasião,
Meu marido não 'stá cá
Foi para Monte Marão.*

*Oxalá que cá não torne,
Botemos-lhe a maldição:
— Ó corvos picai-lhe os olhos
E arrincai-lhe o coração!*

*Palavras não eram ditas,
Homem à porta a bater:*

— *Tu que tens, ó Felomena,
Que estás tu a empalecer?!*

Ao som dos aljorces, taludos como os das vacas sábias, machos todos lirós com suas cornachas de cores, corria a gente aos terrados. Lá vinham eles, faixa à cinta onde guardavam faca e bolsa, chapeirão braguês para a nuca, calça à boca de sino sobre sapato de tromba erguida. Alguns usavam suíças, assim de chapa como o musgo preto nos penhascos, mas os mais traziam os queixos todos rapados, ao estilo de mecânicos.

— Tio Gaudêncio, viva! Deite vinho! Acomode essas bestas! — e rompia ali uma inferneira, vozes acá, rinchos além, trabucada de tamancos sobe, desce e gira.

Custódia Gaudência punha a forjicar um pedaço de marrã, se havia defunto no chambaril. De contrário, imolava um reixelo e toca para a caçoila com bom azeite do Tedo, cebola, batata-turca, grossa como cabeças de doutores. Ao cheiro dos petiscos acudiam os afilhados para a varredura dos crêscimos, não faltavam os gulosos e os necessitados, esses às novenas, e, rilha que rilha, era como nos dias fartos de segada.

Às vezes vinha um nevão e ali quedavam os almocreves, bem agasalhados, comendo e bebendo à tripa forra, com torgo rijo na lareira e moças que era um regalo de ver e palpar. Os mais sisudos sacavam do baralho e turravam à bisca o serão inteiro; os chibantes armavam-se das castanholas e da pandeireta e batiam um fandango que até do mais fundinho do povo as raparigas vinham ver. Um arraiano — sucedia muitas vezes — puxava duma dança e cantiga à moda de Castela, e eram saracotes que nem cachorro a sacudir-se de um banho na ribeira. As moças mais correntonas fraguavam com eles, e o entremez via apontar as Três Marias no céu.

Deste modo corria o oiro para as gavetas do Gaudêncio; e, porque era amigo de bem servir e nada onzeneiro nas contas, quem caísse uma vez na sua estalagem não demandava outra. Desta sorte enriqueceu, e não como se reza de hospedeiros que vão cravar de noite o coração do marchante enlizado no sono e tão bem lhe fazem desaparecer o cadáver debaixo da terra muda que só tarde quando

a locanda varia de dono, ao cavarem por acaso no quintal, se descobre o homicídio. José Gaudêncio era a honra em pessoa. Desfeitas nunca as fez e só as recebeu da filha, a Rosalina, se deixar lograr pelas sete fa-linhas doces num recoveiro, cantarino e pé leve, que devia na pousada de comes e bebes ao redor de cinco libras. Assim lhe pagou o manine-lo, cobrindo-lhe a moça, por amor de quem arrifavam na Serra os morgados de mais teres. Muita gente se benzeu, rapariga tão mimosa e desenxovalhada, de boa família, escorregar com um frangalhoteiro das dúzias. Berimbau, isto de fêmeas, na maré do carvoeiro, nem fechadas numa torre estão seguras. E mais a Rosalina, de olhos pestanudos e tão mexidos, que a cada mirada pareciam negacear a castidade dum santo!

Foi uma vergonhaça naquela casa; o Gaudêncio perdoou, mas, passante de ano, não lhe conheceu o corpo camisa lavada para festa ou romaria. Todo esmado, caído das cadeiras e dando a salvação de olhos baixos, nem que andasse à busca dos côvados de terra que o haviam de tragar. Tudo tem fim um dia, e tal aprouve à maluqueira da sua desonra. Daquela sorte passassem os trabalhos de Rosalina que, já de menino aos peitos quando o pai andava em inculcas para caçar o mequetrefe e induzi-lo a recebê-la, morria com um febrão que não houve barbeiro nem benta que atalhar-lhe soubessem. Foi este um passo que deu grande brado por aquela área de terras.

Pessoa de bons negócios e melhores contas, ali não havia que deitar fora. Em abono contavam os velhos que houvera uma manhã grande peguilho na venda do Gaudêncio por via duns dinheiros que certo almocreve achou a menos à hora de largar. Estava-se, por modos, em tempo de Carnaval, e haviam pernoitado na estalagem três almocreves com seus machos. Na véspera, as raparigas tinham-se vestido de madamas com as melhores saias de folhos, brunidas ao ferro, os seus lenços de lã rala ou de seda pelos olhos para não se darem a conhecer, e, a meio dos chichisbéus enfarruscados nos paranhos do forno ou com caraças de sola ou de tábua, tão disformes que até os meninos rinchavam de medo, foram dar volta aos serões. Na cola seguia o descante, que isto de sarambeque sem zanguizarra é como casamento sem bebedeira. Pândega, mais pândega, deitaram até à taverna do Gaudêncio, onde os almocreves, para matar o tempo, jogavam o chin-calhão. Em alabança deles, o Faria coiteiro tangeu-lhes na viola o vira

minhoto, um cantador jogou-lhes uma saúde e aí se mete na rusga o Zé da Birra, assim se chamava o almocreve, nanja que o merecesse, pois era homem para não perder de todo as estribeiras, mas porque herdara a alcunha de geração. Pois aí se mete o Zé da Birra na borgia, deitando cantigas, sapateando o saricoté melhor que o Mafarrico. E venha vinho, vá de trigo e palaio, saíam dali todos, já a noite tinha dobrado, manatas, madamas e almocreves, a espinotear a ribaldeira num pé só.

Manhã cedo, estava o vendeiro na quintã a apertar os arcos duma pipa para mandar ao vinho, rompeu de dentro o Zé da Birra, com o colete na mão, cara de quem perdera a sua sina:

— Tio Gaudêncio, estou roubado!

— Hem?

— Está mouco?!... Roubaram-me a bolsa com trinta peças! — e, alteando a voz, ali fez alardo da ladroíce.

Eram trinta peças, oiro de lei, que lhe tinham furtado com a bolsa durante a noite. Antes de se deitar, ocorrera-lhe verificar se não teria dado alguma, na dança, por doze vinténs em prata. A conta estava ao justo... trinta peças, trinta dobras, amarelinhas como o Sol. Mas estava-se ninando, fora na estalagem do tio Gaudêncio, ele é que tinha de as prantar para ali com língua de palmo.

O Gaudêncio ficou diante do almocreve, branco como a neve, muito direito, que era homem bem-parecido, sobelo alto.

— Entre vossemecê aqui para a venda — disse-lhe ele — e não grite. Quem passar não julgue que fui eu que o roubei.

— Não sei quem foi... quero para aqui o meu dinheiro!

Os outros almocreves, entrementes, tinham saltado das tarimbas e acudido à berrata. O Sol ainda não era nado. Ouvia-se para o fundo do povo o chiadoiro alanceado dum bácoro na matança. As vacas, jungidas para a jornada, retraçavam a erva solta no chão, alagando a manhã com o tinir das campainhas. Acabara de tanger o sino do orago e dava gana de ir à santa missa, com o ar lá dentro morno do bafejo de meio povo, os santos, as velas e o latim incompreensível a falarem do Deus que não tem princípio nem termo, reparte a vida e morte, nanja de pegar logo de madrugada em despique e consumições.

— Quero para aqui o meu rico dinheiro! — clamava o Birra, cuidando com o assanho pôr os companheiros à sua banda. — Isto quanto mais santanários, mais ladros!

— Está certo que se deitou com a bolsa? — perguntou-lhe o Gaudêncio, que era homem de palavras poucas, mas acertadas.

— Ora! como do Sol que nos alumia.

— Não a terá perdido, ou não lha terão pilhado ontem no adjunto?!...

— E ele a dar-lhe! — redarguiu o Birra, largando um estalo com a língua. — Se lhe estou a dizer que contei as minhas trinta peças ao deitar!... Ou julga você que é fábula? Ó Ramalho, dize lá, tinha ou não tinha ontem trinta peças comigo? Não mas viste contar pelo caminho? Fala a verdade...

— Vi; tinhas na bolsa trinta peças, conta redonda.

— Que digo eu, tio Gaudêncio?

— De modo que fui eu ou gente de minha casa quem lhas roubou?

— Se não foi gente da sua casa, foi um zango, foi o Vargas, foi o Diabo, quero lá saber! Deito-me na cama que você me aluga, comigo não fica ninguém, acordo roubado, quem há-de ustir? — e o Birra, forte de suas razões, passeava em volta um olhar de embófia.

— Ouça vossemecê — proferiu José Gaudêncio —, há trinta anos ponho ramo, há vinte e tantos abri estalagem, é a primeira que tal me sucede. Credo! Eu e a patroa fomo-nos deitar ao direitinho, depois de trancar as portas da loja. Está aí o senhor Engrácio, que foi connosco e dormiu na casa de cima mesmo à boqueira do nosso quarto, não me deixa mentir. O senhor Ramalho também não estava longe, pode dizer se nos sentiu...

O Engrácio, testemunhando, certificou que nem o tio Gaudêncio nem a tia Custódia haviam arredado pé do quarto, toda aquela noite. Podia jurá-lo pela luz de seus olhos, que tinha o sono leve!

— O rapaz — tornou Gaudêncio —, esse é arraçado, mas está para o moinho, desde ontem ao pôr do sol, a moer uma fanega. Nem ele sabe que vossemecês cá estão. Seriam as raparigas? Ver vamos. Muito cabras seriam elas para, dormindo nas traseiras do palhal, andarem de noite de alevante, sem dar senha na casa. Nos moços não se fala, moram fora de muros. Se cá estivesse o meu Chico, o meu estudante, não

punha as mãos por ele, porque, além de gastador e estroina, é criança. Está longe. Não sei... Custa-me a crer que alguma das raparigas saísse ratoneira... Averigua-se. Tem vinte e três anos a do primeiro ventre, dezassete a cadeta, ainda lhes não descobri tal balda. Mas, enfim, em pouco mato se esconde um lobo... ou como diz o outro: à conta de ciganos, todos nós furtamos.

As falas cordatas de Gaudêncio tinham chamado o Birra à razão. Por trás dele, encolhendo os ombros, com viso de incrédulos, os dois almocreves cochichavam.

— Custódia — gritou ele para a mulher —, diz às raparigas que venham cá. O Navainho também.

O Navainho era o neto, que herdara, como intruso na família, o título de berra do pai recoveiro. Muito espigado para os nove anos, dormia com Rosa, a meã das três filhas, e andava nos mandaletes da casa a toque de caixa.

Apresentaram-se as moças mai-lo galeguito: Luísa, a morgada, vas-soiruda, de largos encontros e corada como camoesa; Rosa, faceira e morena; Rita, pequenina e muito composta de sua pessoa. Tiravam-se à casta, olhando bem para a pinta do rosto, que em estatura não pareciam irmãs.

— Raparigas — disse o pai, de olhos a fuzilar —, queixa-se o tio José Birra que lhe furtaram trinta peças. Ficou sozinho na casa nova, as portas da quintã estavam trancadas, o Augusto foi moer o pão, uma de vós foi. Prantai para aí o dinheiro ou vou buscar uma sogra e ponho-vos as costas a escorrer sangue.

Em alta grita protestaram as três que o dinheiro servisse de lume a quem o tinha, e sequinhas como as argalhas do monte fossem as mãos do gatuno. O pai, não se fiando em juras, sujeitou-as ali a perguntas que nem um doutor de leis. Ainda que não soubesse cortar letra redonda e assinasse de cruz, era homem de muito entendimento e não dava o braço a torcer ao primeiro sarrafaçal. Seitosa tinha nele o seu juiz para coimas, desmandos de boca e dúvidas de marcação nas leiras. Era um dos quarenta maiores da comarca.

Luísa respondeu de olhar firme, sem titubear; o tom de sua voz, entre brando e severo, de ré que nem tenta aplacar pela suavidade nem

impor-se pelo protesto, convenceu a todos. E, negando sacudidamente, não soltou outro remoque que «deixassem-na ir cuidar da vianda dos recos, que grunhiam desatinados».

Já Rosa se exaltou com a aleivosia, deitando palpites sobre o roubo e chorando como uma *madalena*. O pai tenazava sempre, e foi preciso que o Engrácio erguesse a voz, escandalizado:

— Homem, deixe lá a moça! Até me dá febre ver atormentar uma inocente!

Muito cordata, Rita disse que a olhassem dos pés à cabeça se não criam nas suas juras; nunca roubara nada a ninguém, não tinha nem esperava vir a ter manhas tão ruins. O pai conhecia-lhe o ânimo timorato e bondoso, e certo estava de que não era ela que daria um passo de noite, sozinha. Largou-a. E, pela mansidão, pela ira, e pelo falar despachado, se saíram as três escusadas no roubo.

O Engrácio dava trombadas com a cabeça, acusando o Birra de pouco tino, pois só um desleixadão daqueles se metia a bater o samba, a mata-cavalo, com uma quantia daquelas na faixa. Nada mais fácil a bolsa pular e cair nos mandamentos dum gerifalte que se calou bem calado. O matuto que foi não perdera a noitada.

Choroso, vencido por aqueles murmúrios, o Birra jurava e trejurava que tinha contado as peças ao deitar.

— Contaste mas foi os andanhos da casa com a cabeça! — chasqueou o parceiro. — Estavas com uma cardina que nem te lambias.

As mulheres tinham partido à lide, ficara só o Navainho, muito admirado, no meio da venda, ao ver um homem chorar.

— Menino — perguntou o avô —, tu viste a bolsa deste tio? Dize lá... Se falares a verdade toda, hei-de comprar-te uma carapuça nova de Alvite.

— Eu não vi, não senhor.

— Viste, viste! Tens medo que tuas tias te vão ao pêlo?! Dize o que sabes, que ninguém te toca com um dedo molhado.

— Soubesse eu...

— Não notaste a modos dum pé de peúga de riscas ao travesso, nas mãos da tia Rosa?

— Não, senhor.

— E nas da tia Luísa?

— Também não, senhor.

— E não deste fé de nenhuma se levantar?

— Lá isso, a modos que a tia Rosa se levantou. Mas não sei bem... estava com muito sono.

Depois de muito malhar com perguntas sobre perguntas, o Gaudêncio chamou outra vez Rosa.

— Rosa — disse-lhe ele, ao entrar da soleira —, levantaste-te esta noite?

A rapariga deitou um olhar ao aparato todo e respondeu:

— Levantei, senhor pai.

— A quê?

— A verter águas.

O pai cresceu para ela:

— Ah coira, és tu que tens o dinheiro!

— Eu? Eu? Podem-me revistar.

O pai apalpou-a toda, viraram-lhe depois a cama e os trastes com o debaixo para riba, perscrutaram os buracos. Nada se descobriu. De joelhos contra o poial da janela, a soluçar, Rosa votava a todas as pragas deste mundo e do outro a alma excomungada que bifara as peças, conjurando o Padre Sant'António — que tinha livrado o pai da força — a que ali lhe pusesse a careca à mostra para sossego da sua inocência.

Desandaram todos dali, e o José Gaudêncio disse para o almocreve:

— Minhas filhas, senhor Birra, não o roubaram; juro-lho pela salvação da minha alma. Quem poderia ser? Seus companheiros não, que são pessoas de chaço e dormiram debaixo do mesmo tecto que nós... Pastores e moços de vacas ficam no cabanal, para lá do caminho. Não sei...

A uma voz, os dois almocreves afiançavam que a bolsa lhe fora roubada no baile e que, ao deitar, borracho tombado, não tivera tremelhos para verificar o que trazia. Não fosse mamposteiro... que montava...

— Tudo se há-de remediar — disse-lhe o Gaudêncio. — Mas seja franco por uma vez. Quando se deitou fez reparo na bolsa? Ora seja franco...

Espicaçado dum lado e do outro, depois de negas e protestos, o Birra acabou por confessar ser aquele ponto invenção sua, na ideia de que melhor se descobriria o ratoneiro. Mas ao tanger das ave-marias ainda a tivera na mão.

— Tirou-me você, seu Birra, um grande peso de cima do peito — exclamou o Gaudêncio, soprando com desafoço. — Trabalhava-me ainda cá no juízo essa das suas peças contadas ao deitar da cama. As raparigas não lhe cobiçaram o haver, não... Levaram-lho ontem na patuscada. Oh! de consumição sirva a quem lho tem, que vossemecê ganhou-o com o suor honrado do seu rosto. Mas não se aflija... eu abono-lhe o dinheiro que for mister.

E, vá de oferecimentos, vá de bem-hajas, mandou o Gaudêncio buscar dez libras pela patroa, que era de quanto o Birra precisava para aguentar o negócio. Ela, de seu natural avessa ao génio prestadio do homem, rompeu em ralhos e destemperos — raios lhe partissem o juízo, era um mãos-rotas e havia de derreter a casinha, pobre dela sempre uma surrona, embrulhada em serguilha e tomentos para o poupar, tristes dos filhos, que teriam de pegar num bordão e ir pelas portas! E ferroadada daqui, mais ferroadada dalém, o Gaudêncio arrancou de uma tigela e mandou-lha à tola. Não a acertou, mas serviu-lhe de escarmento, pois rodou sem mais remoque para breve volver com as dez libras, que uma a uma, de semblante nojoso mas submisso, foi batendo na pedra, em fé de que não atraçoavam dono.

— Aí tem, seu Birra — disse-lhe o estalajadeiro —, vossemecê é homem honrado e conhecido velho. Quando se desferrar do prejuízo, mas tornará. Agora, se a sorte lhe for contrária, reze-me por alma quando eu morrer. Não se há-de dizer que, aboletado em minha casa, um homem ficou na penúria. Cá fico de olho sobre as suas trinta peças, que uma hora, por malas-artes, se não dê a matar o gatuno. Mas quem lha pregou tem astúcia. Que a maldição do Senhor acompanhe esse oiro até se desfazer em cinzas!

E beberam à sossega em homens de bem, reconciliados.

O Birra meteu-se a contrabandista e, recuperando breve o perdido, pagou ao seu benfeitor. As peças roubadas calaram-se bem caladas. No povo ninguém ergueu telhado ou adquiriu leira; moça alguma estreou cordão que surpresa fosse. Nem por indícios ou pensamento



se ouviram tilintar as malditas. E lá levaram para a terra da verdade a José Francisco Gaudêncio, seguro de que o oiro negregado não queimaria as mãos de gente sua.

Com os casamentos na terra e fora da terra, partilhas, vendas e trocas, a grande casa que deixou fundiu-se, a pontos de não se fazer uma ideia do vulto que punha. O Augusto casara em Segões, lugar chegante a Seitosa, e Luísa recebeu-se, ainda esse ano, com lavrador muito adreça, e a poder de jeito e labuta começou a governar boa casa. Rosinha, andava o Chico Brás, cavalaria em Viseu, a namorar a cadeta, deitou os pregões com o Libânio, ao tornar este de Manaus depois de sete anos de roça, boa pedra na gravata, boa cadeia de oiro com um borrego de grillão, e punhos postiços que ao fazer um cumprimento se escapuliam do paletó, os excomungados.

O Libânio era o zangarelho dum homem no dobrar dos trinta, rosto mareado das febres, o arcaboijo rendido para dentro à força de ceifar capim. Trouxera um papagaio má língua e, nas tardes calmosas, vinha, meio doutor, ao cavaco para debaixo da latada do Sr. padre Francisco. Puxando cigarro após cigarro, sentado na borda do tanque à fresquinha, tratava a ama do padre por Don'Ana, o que lhe valeu o tríplice conceito de cidadão bem-educado, homem do mundo e cavalheiro às direitas.

Foi Don'Ana que lhe aplanou o caminho para o matrimónio, empurrando a Rosa, doida varrida por franças.

— Casa com o brasileiro. Este ao menos é pessoa de peso, sabe onde tem a cabeça, cantés meliantes e amor louco, eu por ti, e tu por outro...

— Dizem que o Libânio vem héctico...

— Agora; aquilo é dos ares das outras bandas, que são bravos, e pintam o rosto como lagarto. É o que te digo: são como os nossos, não há por esses mundos de Cristo.

O senhor padre não abria os beiços, tão ausente da família como se ela não existisse ou morasse no cabo do mundo. Debalde Rosa esperava um sinal. Já o não dera a Luísa, como alheio se mostrou quando o descante do Chico Brás vinha para a quintã dos Gaudêncios endoidar-lhe a irmã mais nova com chulas e desgarradas. O seu fito era ter muitos gerais e sermões a escarduçar, e lebres a romper-lhe pelas

chãs a bom ponto de mira. Tinha já, para embelecos, um filho em casa que caminhava de burrinhas, e um outro a criar na ama de Vila Covaa-Coelheira. Dizia-se que não era boa fazenda e que fizera das suas na freguesia que paroquiara antes de colar-se naquela onde estava e lhe fora berço.

Rosa, que devia andar pelos vinte e seis anos, estragara bons casamentos. Além de se não saber haver com o morgado de Forles, que passava por possuir uma rasa de libras, desdenhara do Narciso Espadagão, que lhe queria de morte. Pestinheira como poucas, não prometia domar à lide da lavoira o corpo afidalgado na taverna a medir quartilhos, e daí, em especial, vinha detrimento ao seu arrumo. E já o seu pé era menos alceiro para romarias e brequefestas e o seu amanhã mais descuidado.

— É tempo, casa-te! — dizia-lhe Ana, quando o Libânio a andava a cometer. — Estás a ficar pesada...

Depois de muito cisma, de muitos conselhos e consultas, Rosa recebeu Libânio no dia mesmo de Nossa Senhora das Candeias, fazia quatro Invernos estava o pai no celário. E grande cabeçada foi, pois a legítima do noivo não era de arregalar olho, os acréscimos vindos da roça chilros, sendo para mais um fumador danado que, para matar o vício, se lhe faltasse tabaco, até barbas de milho fumava, enroladas num migalho de jornal.

Em poucos anos o casal estava carregado de filhos e para mantê-los e manter-se tinham que fossar muito no chão, que a mamadeira da venda acabara, ainda o corpo do Gaudêncio não estaria consumido pela terra. A viúva tentara ainda aguentar-se de loireiro à porta. Mas os tempos eram outros. Os almocreves tomavam já as estradas reais que o governo mandara abrir — diziam os mais antigos — por não ter onde enterrar o dinheiro. E tão bastos foram da gente de termo os calotes e dos filhos os palmanços que, ao cabo de ano, não havia na gaveta com que tirar a indústria. E aí se põe a viúva à gamela dos filhos, não parando em casa de nenhum, que noras e genros são sempre de má raça e o génio dela era, em boa verdade, quezilento e marralheiro. E o mesmo lhe assucedeu com o seu Francisco. Tanto a aguilhoaram os outros em como o cigano do padre queria ripar-lhes a herança, induzindo-a a uma escritura de doação, que, dando os bens em partilha

a troco dumas medidas de centeio e meia dúzia de rasas de batatas, meteu-se numa cardenha e aí terminou os dias mofina e abandonada.

O Libânio, pegamaço como era, ia mesmo assim tentando a casa, sem pedir a juros nem vender horta. Os rapazes, que eram três e faziam uma escaleira de ano para ano, amargavam já o comer e, graças à rapariguita que calhara muito girota, Florinda, a mãe podia ficar o dia todo ao tear, batendo as apanhas. O primeiro nado, Jaime, aos treze anos, decruava a terra e esquentava o forno. O chegante a este, João, é que fora pouco mimoso da graça de Deus. Quando veio ao mundo, redondo como as panelas de Vale de Ladrões, vestido de velo de rato, benzeram-se. O criança papeava como se estivesse a dar a alminha ao Criador. Chamaram à pressa a Zabana, benzedeira, para o baptizar.

— Anjo bento! anjo bento! — exclamou ela. — Isto não é gente, é um olharapo!

Despejaram-lhe uma malga de água no toutiço em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, a mãe encostou-o ao seio, e logo ele rompeu a mamar, às turras e mais sôfrego que um bezerro. Vingou. Mas desde pequeno que as bruxas se encanzinaram contra ele, passeando-o em bolandas por riba das arcas e do monte das batatas como a uma bola e chupando-o. Bem as esconjurava a pobrezinha; era fazer figas ao vento. Uma noite foi-se deitar com o menino nos braços, armada dos santos escapulários. Confiada no divino amparo, lançou um desafio às feiticeiras invisíveis:

— Vinde, vinde cá, frangas do Tinhoso!

Na manhã seguinte topou o seu anjinho no telhado — contava ela — a chuchar no cabo duma vassoira.

Sem embargo de tombos e pirraças da bruxaria, o menino deitou avante. Cresceu. Ao tempo da muda era um mamarracho de venta espalmada e grande guedelha, que atraía o olhar às pessoas, quer quisessem quer não.

Cabeça enorme e reboluda em que mal se via o nariz chato, olhos zarcos, a boca muito grande e sem lábios como sarja em bexiga, ventre de afogado, pernas de aninho, mãos mais compridas que as pernas, era o gato-sapato do lugar, que, pela ordem do esferoidal, lhe chamava o João Bispo. «João Bispo, diz a missa! João Bispo, olha uma boa fêmea para esfregares os untos!» As vaías choviam sobre ele, quando aos

domingos saía a terreiro ou, de gorra com a rusga, arriscava pé na vinda. Bem retrucava:

— Vá chamar Bispo à raiz da curta que o pariu! — os desagrvos de tal boca não faziam moosa e mais aguerrida se tornava a surriada.

Também era um teigueiro, um papa-la-açorda, capaz de imolar uma panela de feijões de seis tigelas, se lha prantassem à frente.

— Aquilo tem bicho ruim que coma por ele! — dizia a mãe.

Os irmãos empurravam-no para fora das mantas mesmo que fizesse taró, e batiam nele como em cão malhadiço. Para pouco mais servia que tanger as badanas pelo monte e deitar a água às ervas de lima.

O António era um caguinchas de magreira e, com um rosário de dentes de alho ao pescoço por ser atreito às bichas e serem de regra na família os maus-olhados, carretava lenha para o lume e era um moleque dos primos, os filhos do padre, que com a direita lhe davam pão, com a esquerda pau.

Não tinham fome os Libânios, mas não se conhecia dia santo em sua casa. O rol do Sarrico, em cigarros, sorvia-lhes as medidas de trigo e painço que malhavam cada ano e poderiam dispensar. Bem barafustava Rosa:

— Homem, fuma de engorra!

Ele passaria sem o caldo, sem a côdea, sem o vinho, mas sem o cigarro tó ruça. Tornava-se uma fera, o grande molancão! Debalde se carpia a mulher que os filhos andavam descalços e rotos, tão emorados do frio que só tinham ranho. Era bradar num oiteiro! E se queria pagar nas tendas, safava o seu alqueire da arca, pela calada. Quem dera os tempos do pai Gaudêncio, com ricas saias de castorina, chanquinhas de Viseu, barba nédia de fartura e o cabelo sempre alisado! Quem dera!

Um dia rompeu o primo Luís Alonso, do Brasil, fanfando de rico, e o Libânio, estimulado, falou de embarcar outra vez a cometer a sorte.

— Um chilandrão com a canseira que tu tens ir ao Brasil! — exclamou a mulher. — Que granjeaste em sete anos que por lá correste à sirga? Fome e doenças. Deixa o Brasil para os filhos, quando sejam capazes...

— Ando farto de moirejar e as melhorias são poucas.

— E eu, meu rico? Dá graças a Deus que não temos nada empenhado e, se devemos, é esses cigarros que o lume do Inferno consuma.

Mas, quando Deus ou o Diabo quer e a cabeça não regula, pouco vale teimar. Tinha a ideia entranhada, de nada serviu a mulher pintar-lhe o espantalho da morte com a casinha esfrangalhada no inventário pelos cães da justiça e os perdigotos dos filhos aos deus-dará.

— Um homem é para o mundo! — alanzoava.

E lá partiu. Abonou o António Rola a passagem e passaporte, vinte e quatro libras a dez por cento, sobre letra. Era a morte a chamá-lo. Mal pegou uns dias do gadanho na Sapucaia, ataram-lhe os pés. Os patrícios tiveram que se fintar para o enterrar em terra santa.

Coitada da Rosa, nunca o falar dela fora mais certo! Oficial de diligências sobe e desce, louvados para aqui e para ali, mais juiz, mais papel, mais selos, foi-se a melhor fazenda da casa. Os patifes da justiça tinham fome, ferraram o dente envenenado.

— São como os corvos — choramingava ela —, vêm ao cheiro do cadáver!

— Arre-diabo, Rosa, arre-diabo! — retrauteava o cunhado Brás.
— A morte do homem arrasou-te!

Chamada a contas, vendia a viúva o cerrado, mimosinho de tudo, em que pulava cebola cabonde, uma só, a estrugir o quarto dum carneiro, e a nogueirinha temporã dava nozes de cada apanha para derrear uma jerica.

Já o António Rola, em vésperas de a letra vencer, lhe batera à porta:

— Rosa — disse ele —, pagas ou protesto?

— Pago, mas dê-me uma semana de espera. Por alma das suas obrigações, tio António.

— Até domingo! É a lei...

— Mas olhe, reforme-me a letra...

— Não; quem queira dinheiro não falta. Assim o dê Deus.

— Eu pago-lhe com'os mais.

— A dez; ainda hoje me pediram uma boa maquia a doze. As vinte e quatro libras vão para lá.

— Não sei como há-de ser do pé para a mão...

— Não sabias que findava o prazo? Já te disse, eu fico-te com o cerrado da nogueira elha por elha; e não vais mal...

— Não queira o sangue dos pobres, tio António. O linhar vale quarenta libras a olhos fechados, que o dizia meu defunto marido.

— Pois vai vendê-lo... vai vendê-lo... Se te derem mais, melhor. Olha, ou pagas até segunda-feira de manhã ou protesto. Tem paciência, lá te arranja.

E despediu o alma danada daquele onzeneiro, com um gabinardo de golas altas pelos ombros, de olhos sempre no chão a contar os cobres e a estudar o modo de passar o baraço, por esse mundo fora, a orfãozinhos e viúvas. Mil raios o partissem mais à cobiça que tinha ao seu rico linhar!

Rosa tinha diante três dias e três noites e tanto malucou, tanto malucou, que nem apetite teve de se deitar. Na noite de sexta para sábado, o Jaime ouviu-a na cozinha falar alto e tilintar dinheiro, e, levantando-se da cama, foi ver. Mas as tábuas rangeram, e só viu a mãe com o avental arregaçado contra o peito, as mãos sobre ele em cruz, salamura.

— Vossemecê está a contar as libras! — disse o filho, com ar finório.

— Estou a contar as vergonhas que tenho a passar até arranjar o dinheiro.

— Ouvi chocalhar...

— Ouviste chocalhar as tenazes... que havia de ser?!

O rapaz volveu à cama, teimando em supor que a mãe fora desenterrar dinheiro para remir a letra. Mas quê?! No dia seguinte, em sua presença, dava parte ao Sarrico que tinha o cerrado a vender, se não sabia de alguém capaz de lhe pegar pelo justo.

— Os tempos vão ruins para compras — respondeu o taverneiro. — Depois que o fidalgo de Ceia vendeu o casal, fundiu-se toda a dinheirama do Rio. Mas passa-se palavra...

— Pois é grande favor que me faz.

À tardinha volveu ela com esculcas.

— Não vejo quem se tente — disse ele. — Meu cunhado Afonso comprava-o, mas baratucho... vinte libras...

— Até parece escárnio! Mais dá o Rola.

— Pois entrega-lho. Há-de ser difícil topar quem cubra o lanço.

— Nem que os bens todos me fossem à praça!

— Lá sabes...

À noite, já os gados tangiam nas lojas a sacudir o piolho, tirou-se de seu mole e meteu-se a Aris a tomar conselho com o Chico Brás e a irmã, que vendera a legítima a uma banda para comprar à outra.

— Rosa — disse-lhe ele —, o linhar não vale vinte e cinco libras, vale quarenta sem regateio. Era dos melhores cibos da casa. Por esse preço não vendas, que nem Deus te perdoa... Bem sei, estás com o barço ao pescoço. É o dianho!... É o dianho!... E, olha lá, porque não vais ter com o padre?... É irmão, não faz favor nenhum em te valer... E esse tem dinheiro, ganha-o a cantar. Cá por minha banda vou ver... Talvez ali o senhor Tobias nos possa arremediar... ou o Javardo. Antes de mais nada, vai ao padre.

Assim fez ela.

— O Rola ofereceu-te vinte e cinco libras? — disse ele. — Quer-te roubar. Mais custou o migalho a meu pai...

— É um ricaço, sem alma, a quem Deus não há-de querer no Céu, nem o Diabo no Inferno! — exclamou, com voz trémula de dor, a Senhora Ana, que viera ouvir.

— Tivesse eu abonos — tornou o padre — e estavas servida. A freguesia não rende, os trabalhadores absorvem em salários, comes e bebes o montante dos géneros. Má hora em que tentei nesta igreja!

E o padre Francisco pôs-se a passear pela sala, soprando grandes fumaças do cigarro.

— Dinheiro de portas a dentro... nem papel, nem cobre! — apoiava a ama, numa mesura de muita lástima. — Até ainda se deve a sementeira ao lavrador.

— E nem tenho a quem o pedir — tornou o padre. — Porque não vais ao João Catrino, que tem sempre quantia devoluta para mercas e trocas?

Saiu dali, com o coração trespassado, a ter com o Catrino, troqui-lha e cigano de feiras.

— Minha amiga — declarou-lhe este —, as terras que possuo sobram já para o meu governo. Desse-me Deus filhos e teria a ambição de comprar; assim não... O tio Rola ofereceu-te vinte e cinco libras, pega-lhe na palavra, mulher! O dinheiro anda caro.

Parecia que estavam apostados uns com os outros para esbulhá-la do seu rico bocadinho.

— Anda lá, filho — disse ela para o Jaime, que a acompanhara nas voltas. — Há mais ladrões nesta terra que pelas estradas.

Cearam essa noite, muito tristes, caldo de berças com pão de rala. Os filhos foram à deita e ela ficou ao borralho, entanguida de frio, a fiar. O Inverno zurrava nos pinhais que parecia uma estropeada de mil demónios a caminho do Inferno. A sineta, com os sacolões do vento, toava dlam... dlam e mais dlam a um enterro que não tem fim. Sobre as telhas ia grande estreloçada, chuva, vento, como se andassem por riba delas rebanhos de cabras, ou feiticeiras jogassem para lá com areias às mãos fartas, para tormentina das almas... Ia um Dezembro muito rijo e custava já a passar nas pontes.

Sem poder pregar olho com o barulho do suão, novamente o rapaz ouviu a mãe falar em voz alta, contando uma, duas, três, até para riba de vinte. E sentiu tinir dinheiro.

— Minha mãe anda a mangar com a tropa. Tem dinheiro aferrolhado e fala em vender os bens. Cem cães a mordam! — malucou ele.

Domingo, ao depois de missa, que tinha ali capelania, binando por cento e vinte medidas de centeio, o Sr. padre Francisco, chegou-se ela muito ronceira para a venda, onde os homens entravam à formiga a tomar o mata-bicho.

— Então, Rosa, já decidiste? — perguntou-lhe o vendeiro.

— Ainda não decidi. Querem-no dado.

— Minha amiga, tens de te compor.

Veio o linhar a despique e ninguém se mostrou esparvadiço a comprar. Pelo contrário, o Afonso, cunhado do vendeiro, prantou-se para ali a chorar a careza da vida e o ror de tributos que consumiam o melhor sangue da lavoura. Estava-se numa época em que empregar dinheiro em fazendas era o mesmo que deitá-lo pela água abaixo. Má hora para quem compra como para quem vende... E tanto amolou o ladrão, que o José Narciso, embora tido por cabeça no ar, largou este remoque:

— Também é desfazer! Tia Rosa, tivesse eu quarenta libras, que lhas dava já pelo migalho.

Mas o Catrino, tio da rapariga que ele andava a rentar, piscou-lhe o olho, que o Jaime percebeu, e fez viravolta:

— Verdade, que tudo depende da ocasião. Agora se lho pagarem por metade é o muito.

Jaime, vendo o rumo que o negócio seguia, esgueirou-se, deixando ali a mãe, e foi passar uma busca a casa. Não lhe saía da cabeça que a mãe tinha dinheiro assolapado. Se o pilhasse, havia de lho meter pelos olhos na presença do povo todo, para escarmento da mesquinha, pois vender o linharzinho por uma tuta-e-meia era tão grande perdição que até o avô Gaudêncio se levantaria do outro mundo a protestar.

Feito com Florinda, mexeu e remexeu na cozinha, nas caçoilas entupidas de fuligem, no caniço, debaixo da pilheira, por todos os cantos e recantos. Foram ainda ao tear, às arcas, à cama dela, debaixo das tábuas que ladravam. — Dinheiro? de grilo. E quando Jaime voltou à venda, a mãe, de ramela nos olhos, toda babosa, bebia ao alvaroque com o Rola e a súcia safada.

— Então por quanto?

— Vinte e seis libras. Não foi dado nem vendido.

— Diabos a levem, foi roubado!

— Que vem para aqui o pendente meter o bico? — exclamou o Rola.

Jaime foi esconder-se na loja das vacas, a chorar.

À noite veio o tio Chico Brás dar conta de suas vãs passadas e, à fogueira, contou ter ouvido na venda do Clementino que, para a compra do prédio, o Rola se entendera com o Sarrico e mais vigairada. Por modos, o Rola tinha-os a todos filados pelo gasnete, mas uns ladrões assim eram capazes de tirar os ovos à milheira e ela no choco!

Em voz alta, Jaime declarou que sua mãe era uma grandessíssima coruja que tinha dinheiro enterrado e preferia beber o sangue dos filhos.

A mãe arrancou dum tamanco e fez-lhe uma brecha na cabeça.